



PRÁTICAS EDUCATIVAS E AFROCENTRICIDADE

Andressa Farias Barrios¹
Diônvera Coelho da Silva²
Aline Accorssi³

Investigar práticas educativas de mulheres negras no ensino superior é reconhecer sua posição de intelectual em um espaço privilegiado de produção do conhecimento. É, sem dúvida, percorrer os pensamentos de fronteira, para usar um termo de Glória Anzaldúa (2005), no processo de resistir ao discurso hegemônico. Para a autora, o pensamento de fronteira, é um espaço de constante batalha contra os limites rígidos do pensamento moderno colonial, precisando mover-se, constantemente.

Em relação à educação básica, somente em 2003, ou seja, cento e quinze anos após a abolição formal da escravidão que o Estado brasileiro expressamente reconheceu – por meio da lei 10.639/03, que, acrescentando o artigo 26-A na Lei de Diretrizes e Bases da educação, LDB, promulgada em 1996, estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas públicas e privadas do país, afim de trazer o “continente africano” para dentro da sala de aula. Este fato nos mostra de maneira inequívoca o caráter eurocêntrico do modelo escolar brasileiro.

No entanto, em 2008, a lei 11.645/08 alterou a redação do artigo 26-A da LDB acrescentando a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura dos Povos Indígenas. Estas exigências legais foram reafirmadas pelo parecer que estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica em 2010. A importância do ensino da cultura afro-brasileira e africana para a formação de uma sociedade democrática, que de fato valoriza e respeita as diferentes tradições que ajudaram a formar o país.

¹ Universidade Federal de Pelotas – andressabarrrios1@gmail.com.

² Universidade Federal de Pelotas – diionveracoelho@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – alineaccorssi@gmail.com

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

O objetivo deste texto é através de relatos de reflexões de cunho ensaística que parte da experiência vivida por duas estudantes negras da UFPEL, discutir os processos de desenvolvimento de pedagogias afrocentradas, a partir da elaboração do conceito de afrocentricidade, proposto, principalmente, pelo educador afroamericano Molefi Asante. Discute-se, nesse sentido, a promoção de práticas de interação dos diversos contextos sociais nos quais os alunos/as estão inseridos/as, dentro da dinâmica histórica e cultural própria do continente africano.

Uma vez que, ao refletirmos sobre nossas práticas educativas, é possível contribuir com o processo de resistência ao discurso hegemônico por meio do reconhecimento social e científico de suas pedagogias insurgentes, que propõem subverter espaços de poder e cooperam na construção de uma sociedade mais justa e igualitária na ótica cognitiva e epistêmica. Esse caráter de resistência ou desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008) ao discurso hegemônico, aproxima-se de outras epistemologias afrocêntricas, que colocam os/as sujeitos/as, marginalizados/as e subalternizados/as, como agentes de sua própria história. Esse pressuposto instigou-nos a investigar: como nossas práticas educativas, estão permeadas, de alguma forma, por princípios da afrocentricidade, bem como coloca ASANTE:

A ideia afrocêntrica refere-se essencialmente à proposta epistemológica do lugar. Tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é importante que qualquer avaliação de suas condições em qualquer país seja feita com base em uma localização centrada na África e sua diáspora. Começamos com a visão de que a afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre a sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos (ASANTE, 2009, pag. 93).

Em suma, escolas são reflexos da sociedade que as desenvolve (isto é, uma sociedade dominada pelo supremacismo branco desenvolverá um sistema educacional baseado na supremacia branca)” (ASANTE, 1991, p. 170). A hegemonia europeia dos últimos quinhentos anos fez com que a Europa impusesse seu paradigma civilizatório a toda humanidade. Esta imposição traz como consequência, para os povos influenciados por este paradigma, uma distorção de sua de identidade, visto que se percebem através dos olhos do dominador.

Existem inúmeros trabalhos documentando o racismo no cotidiano escolar brasileiro o que não é nenhuma novidade dado o já mencionado caráter eurocêntrico de nossa educação.

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Utilizaremos neste trabalho o paradigma afrocêntrico para evidenciar o eurocentrismo no pensamento educacional brasileiro, bem como para oferecer uma alternativa a este modelo educacional que está longe de atender os interesses dos afro-brasileiros.

Deste modo, Afrocentricidade promove uma ideia insurgente porque estuda ideias, conceitos, eventos, personalidades e processos políticos e econômicos de um ponto de vista do povo negro como sujeito/a e não como objeto. Assim, foram importantes as contribuições dos estudos de Asante (2009) sobre Afrocentricidade, uma vez que nos ajudou a compreender que o sujeito/a africano/a ou afrodescendente se torna um agente social quando ele/a é valorizado/a “como ator ou protagonista em seu próprio mundo” (Ibidem, p. 95).

Enquanto, nas experiências educacionais de base eurocêntrica, os sujeitos/a afrodescendentes são deixados à margem da história, a abordagem afrocêntrica privilegia a posição de agente desse sujeito/a, como uma forma de escapar da anomia da exclusão. O principal aspecto, dessa abordagem, propõe um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os sujeitos/a africanos/a e afrodescendentes no movimento diaspórico, como agentes que atuam sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos (ASANTE, 2009).

A afrocentricidade é uma possibilidade epistemológica de evidenciar os povos africanos e afrodescendentes e seu papel protagonista, sobretudo pelas possibilidades de valorização de referências culturais e, também científicas, desses sujeitos/as. Para Asante (2016), a reflexão sobre conceitos que subjugam o mundo africano ao paradigma hegemônico do colonizador, é uma das características inerentes a este projeto científico e epistemológico. Embora não seja muito explorada nas pesquisas educacionais do ocidente, como Machado (2016) sugere, essa proposta intelectual não é recente. “A palavra ‘Afro-cêntrico’ já havia sido utilizada por Kwame Nkrumah, líder de Gana, em 1961 em um discurso na Universidade de Gana, em Legon” (MACHADO, 2016, p. 12). Além disso, Machado (2019, p. 28) nos lembra que:

O principal expoente da afrocentricidade é o cientista e intelectual senegalês Cheikh Anta Diop (1923-1986). Embora este pesquisador não tenha usado explicitamente os termos: afrocentrado ou afrocentricidade, os seus estudos – no campo da egiptologia – modificaram a ideia de que o Egito não pertencia à África, apesar de situado neste continente. Diop foi quem enfrentou acadêmicos contrários às suas teses e recolocou o Egito no contexto da história cultural africana [...]

Programas organizadores



III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Essa crítica à cultura hegemônica europeia, propõe como principal interesse epistemológico a desmistificação da ideologia de inferioridade que foi amplamente difundida durante a diáspora pela historiografia tradicional, logo, problematizar as questões raciais nas práticas educativas é um caminho na construção de uma “Pedagogia Afrocentrada” (MACHADO; ALVES; BOAKARI, 2018). São estas as reflexões que trabalho visa oportunizar.

Essas reflexões contribuíram na produção de narrativas que priorizam mulheres negras como agentes: na história, nas suas experiências de vida e de mundo e na produção de espaços de fala que potencializam modos de superação de muitos estigmas opressores.

Palavras-chave: Educação; Afrocentricidade; Relato de experiência;

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, G. **La consciência de la mestiza/Rumo a uma nova consciência.** Estudos feministas, Florianópolis, 13(3):320, setembro-dezembro/2005.

ASANTE, M. K. **Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar.** In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

_____. **Afrocentricidade como crítica ao paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia.** Ensaios Filosóficos, volume XIV, dezembro, 2016.

BOAKARI, F. M [et al]. **Educação, gênero e afrodescendência: a dinâmica das lutas de mulheres na transformação social.** 1 ed. Curitiba: CRV, 2015.

MACHADO, R. N. S. **Gênero e raça na educação a distância: há outras epistemologias na prática educativa de formação docente?** 2015. 240 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2015.

_____. R. N. S. ALVES, A. R. S. A. BOAKARI, F. M. **Por uma pedagogia afrocentrada na escolarização de crianças brasileiras afrodescendentes.** In: BARROS, A. E. A. [et al]. Nas fronteiras do saber: estudos interdisciplinares a partir do Médio Mearim Maranhense. São Leopoldo: Oikos, São Luís: EDUFMA, 2018.

MIGNOLO, W. D. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política.** Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287 – 324, 2008.

Programas organizadores

